

*Grizzly e seu amiguinho da escola para cegos e surdos de Utah não precisam de palavras para dizer que gostam um do outro*

# O poder de cura de um pastor

O cachorro entendia  
aquelas crianças melhor  
do que qualquer pessoa

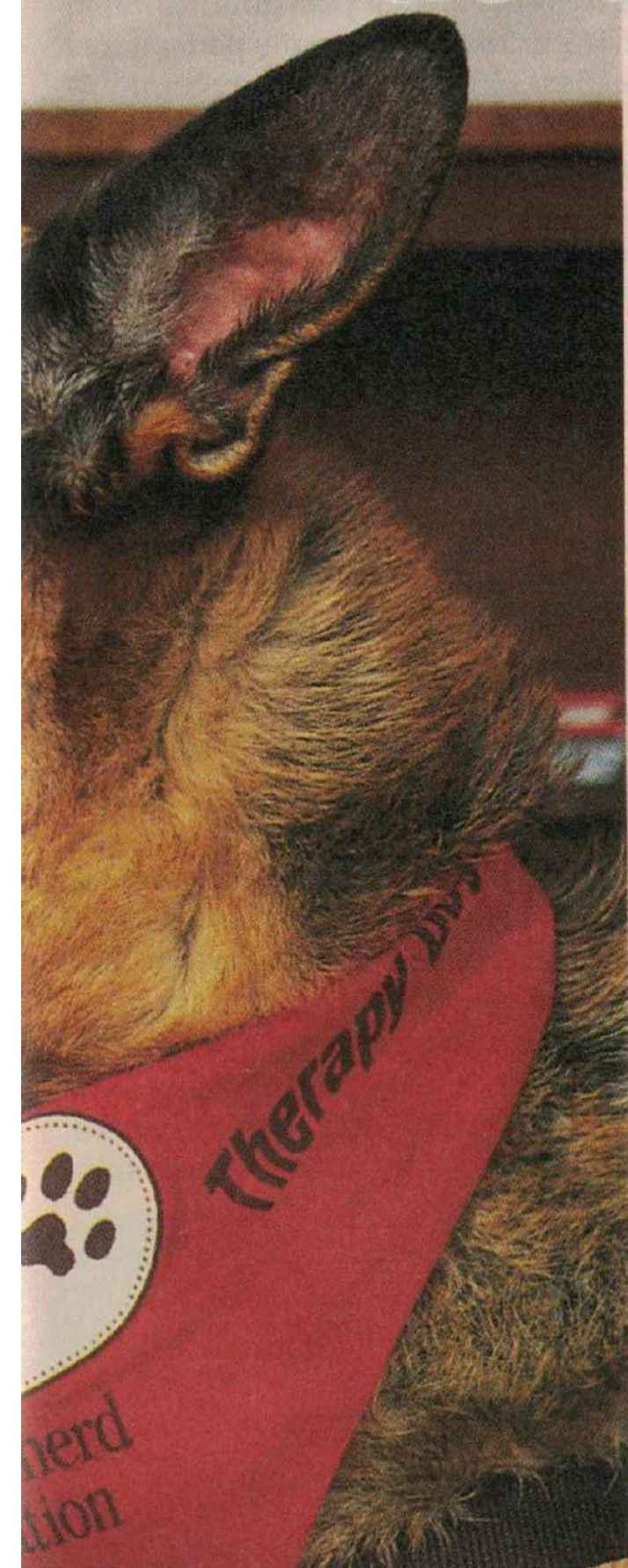
JO COUDERT

**L**ANA CRAWFORD estava sentada à mesa da cozinha, entorpecida. Sua vida em Klamath Falls, antes tão feliz, estava agora em ruínas. Seu casamento estava acabado. A casa amarela, de dois andares, cercada de lilases e rosas, ia ser vendida.

Um olhar ao pastor alemão deitado no chão a fez chorar de novo. Ela pensou no que aquele animal maravilhoso tinha sido para o filho Jeremy, nos últimos dias de sua vida. “Ah, Grizzly”, disse ela, baixinho, “o que é que vamos fazer?”

Dois anos antes acontecera o inimaginável: verificou-se que Jeremy estava com um câncer ósseo chamado Sarcoma de Ewing. O adolescente, antes musculoso e bronzeado, cheio de energia, jogador de futebol, agora estava pálido e magro, lutando pela vida.

Lana largou o emprego de professora de música para dedicar mais tempo a ele. Susanne, irmã mais velha do garoto, viajava sempre de Seattle para



animá-lo, mas as dores físicas e a fadiga de Jeremy por vezes anulavam os seus melhores esforços.

Resolvida a dar alguma felicidade ao filho, Lana levou Jeremy a um canil local, para procurar Ella Brown, criadora de cães.

– Que beleza – disse o garoto, pegando no colo um filhote de pastor alemão. – Mas por que está ganindo? Não gosta de mim?

– Isso é o jeito de ele falar – explicou Brown. – De vez em quando temos um cachorro especial que sabe falar. Ele devia pertencer a um garoto especial.

O cachorro, que recebeu o nome de Grizzly, logo se sintonizou com a voz, o rosto e os gestos de Jeremy. Nos dias bons, Jeremy jogava uma bola de futebol pelo jardim e Grizzly corria para pegá-la. Nos maus dias, Jeremy dormia inquieto, enquanto Grizzly montava guarda. Se Jeremy o chamasse, o cão se deitava na cama ao lado dele.

Grizzly sentia quando Jeremy estava com dores e quando estava desanimado. Neste caso, Grizzly metia o focinho na mão de Jeremy e gania, até fazer com que Jeremy risse. O garoto fazia confidências a Grizzly, que ficava sentado, feliz, a seu lado. Como Lana havia esperado, o amor incondicional do cachorro reforçava a energia interior de Jeremy.

Durante dois anos, Jeremy parecia estar vencendo a luta contra o câncer. Então, depois que ele completou 17 anos, foram descobertos tumores em ambos os pulmões. A respiração de Jeremy ficou difícil. A tensão com a doença dele estava deteriorando a saú-

de da própria Lana e provocando problemas em seu casamento.

Quando o estado de Jeremy piorou, Lana passou a dormir no chão, ao lado da cama dele. O único lugar onde Grizzly podia deitar no quarto apinhado era bem junto do corpo de Lana, e ali eles cochilavam pela noite afora.

Já perto do fim, Jeremy pediu papel e caneta para fazer seu testamento.

– Quero que você fique com o Grizzly – disse ele à mãe. – Talvez haja um meio de você e ele ajudarem outros garotos. Lana fez que sim, contendo as lágrimas.

No dia 17 de maio de 1989 Jeremy morreu nos braços da mãe.

NOS DIAS QUE SE seguiram à morte de Jeremy, Lana ficou deitada na cama, não conseguindo encarar um futuro sem o filho. Mas uma tarde ouviu um ruído: era Grizzly, que abria a porta do armário com o focinho, pegava alguma coisa com a boca e a colocava no seu travesseiro. Era seu tênis. Ele buscou o outro pé do tênis e começou a ganir.

– Não posso, Grizzly – disse Lana. O cão pegou a manga da roupa dela na boca e puxou delicadamente, até que a levou para fora de casa. A princípio, Lana só agüentou andar um ou dois quarteirões, mas à medida que Grizzly a levava cada vez mais para longe, ela foi ganhando forças e começando a sarar.

Num dia de outono, eles chegaram a um parque onde uns garotos estavam jogando futebol. O coração de Lana quase parou quando ela viu um garoto alto e louro como Jeremy. En-

tão ela se lembrou de seu último pedido.

Aos poucos foi-se formando um plano em sua cabeça. Aos 38 anos, resolveu inscrever-se num curso de Psicologia na Universidade de Utah. Trabalho voluntário em campo fazia parte do currículo e Lana propôs levar Grizzly à seção de pediatria do Centro de Ciências da Saúde da Universidade.

“Quero fazer mais do que apenas uma visita”, disse Lana a um de seus professores. “Ele é só um animal de estimação comum, não foi treinado para fazer alguma coisa especial, mas quero usá-lo como parte da terapia.”

No primeiro dia, Lana ficou nervosa quando uma enfermeira pediátrica os levou ao quarto de um garoto que estava com fibrose cística. Ele estava chorando enquanto um técnico lhe tirava sangue e aplicava um soro endovenoso. A enfermeira espiou para dentro do quarto e perguntou:

– Você gostaria de conhecer o Grizzly?

O garoto arregalou os olhos.

– Um cachorro! Venha cá, Grizzly!

Ele se esqueceu das agulhas e começou a puxar as orelhas do cachorro e a falar com ele. Grizzly respondeu com seus ganidos.

– Ele está me respondendo! – exclamou o garoto. – Posso dar uma volta com ele?

Com a enfermeira empurrando o suporte do soro e Lana segurando a corrente, o menino foi seguindo pelo corredor com Grizzly.

Nesse dia, Lana voltou para casa emocionalmente esgotada, mas também satisfeita. Logo depois, Lana e Grizzly estavam fazendo visitas semanais ao centro.

Lana não sabia explicar como é que Grizzly sabia exatamente de que

*Crianças demonstram o carinho por Grizzly durante a visita na escola de cegos e surdos de Utah*



modo reagir às crianças, mas refletiu que Grizzly tinha sido criado amando Jeremy, que era doente. *É por isso que ele reage ao sofrimento e à carência. Ele sabe qual o propósito de sua vida,* pensou.

Um dia eles foram à unidade de oncologia para visitar um rapaz gravemente deprimido, de 17 anos, que estava perdendo a vista e o controle muscular. Lana prendeu a respiração. O rapaz era arrasadoramente parecido com Jeremy.

– Este é o Grizzly, o bom pastor – explicou Lana, contendo as lágrimas. *Se eu conseguir fazer isto, consigo fazer qualquer coisa,* pensou.

– Ele pode se deitar aqui ao meu lado? – perguntou o rapaz.

A enfermeira concordou e afastou os tubos, forrando a cama com um trapeço. Aí, o cachorro, com seus 43 quilos, subiu na cama com jeito, até se deitar ao lado do rapaz, onde ficou, sem se mexer, até que o garoto relaxasse e dormisse.

Lana verificou que a necessidade desse tipo de terapia era grande demais para ela aplicar sozinha, e logo formou uma organização sem fins lucrativos, a Associação do Bom Pastor, para ensinar aos treinadores e a seus animais a trabalharem em centros de terapia. Os animais aprendiam a ficar parados quando as crianças montavam neles; a puxar cadeiras de rodas; atender a ordens; permanecer calmos em qualquer situação.

Um dia Lana levou o cão a um centro para crianças com problemas emo-

cionais, onde conheceram Tânia\*, menina de 11 anos, desmazelada, que já passara por 14 orfanatos e centros, tinha um temperamento extremamente irregular e brigava com as outras crianças.

Tânia recusou-se a falar com qualquer pessoa e a brincar com o cachorro. Passado algum tempo, Grizzly se levantou, foi para um corredor junto da sala de terapia e começou a sua “conversa de ganidos”.

– O que é que ele está fazendo? – perguntou Tânia, aflita.

– Talvez esteja pedindo para você ir para junto dele – disse Lana.

A menina sacudiu a cabeça energicamente, pegou uma boneca e começou a lhe torcer os braços e as pernas. Mas como Grizzly continuou a ganir, ela não resistiu à curiosidade e se esgueirou até o corredor. A princípio, Lana ficou preocupada, com medo que ela pudesse bater em Grizzly ou chutá-lo, mas depois que Tânia ficou a sós com ele, a voz dela se abrandou e ela começou a fazer confidências ao cachorro.

– Estou com medo – disse. – Estou sozinha. Ninguém me quer.

Nos dois anos que se seguiram, Lana e Grizzly visitaram a menina problemática de 15 em 15 dias. Quando ela se mostrava agressiva, ele se afastava com um ar de dignidade. Quando ela estava triste, ele se deitava ao lado dela e gania, animando-a. Muitas vezes Tânia se recusava a contar a seu terapeuta o que a estava perturbando, mas deixava que ele escutasse enquanto ela falava com Grizzly.

– Ela antes tinha acessos de raiva

\* Nome mudado para proteger a privacidade.

junto das outras crianças – disse o terapeuta de Tânia a Lana. – Mas nunca com Grizzly; o amor dele parece acalmá-la. Pela primeira vez ela consegue ter confiança e aos poucos o seu comportamento para com os companheiros está melhorando.

Um dia o coordenador do treinamento comentou que os olhos de Grizzly pareciam estar meio estranhos, e Lana o levou a um veterinário. Ele disse que Grizzly já estava cego havia anos.

– Como é que ele ainda parece saber o que fazer? – Lana perguntou a Ella Brown.

– Grizzly é especial – respondeu Brown. – Ele vê com o coração, não com os olhos.

A cegueira não prejudicou a eficiência de Grizzly. Seja com os deficientes físicos, seja com os que têm problemas emocionais, ele continua a dar o toque salutar da aceitação incondicional.

HÁ POUCO TEMPO Lana e Grizzly compareceram a um jantar em homenagem aos voluntários do centro para crianças com distúrbios emocionais. Quando as crianças começaram a can-

tar, uma garota bonita subiu ao palco. Tânia, aquela menina apavorada e desmazelada que antes não queria nem falar, agradeceu a Lana e a Grizzly por tudo o que tinham feito.

Lana, com os olhos cheios de lágrimas, levantou-se para falar.

– Um dia houve um garoto especial chamado Jeremy – disse ela aos presentes. – Ele teve de nos deixar, mas pediu que o Grizzly e eu arranjássemos um meio de ajudar outras crianças. Jeremy ficaria feliz esta noite ao saber que Grizzly, o seu bom pastor, também é o cachorro especial de vocês.

Lana correspondeu ao olhar carinhoso de Tânia, pensando em quantas crianças Grizzly tinha amado e auxiliado. Ela olhou para o animal cego ali ao lado da garota que ele tinha ajudado a sarar. *Você também me ajudou a sarar, Grizzly.*

---

*A Associação do Bom Pastor, ligada à Delta Society, é uma organização voluntária sem fins lucrativos que fornece terapia com a assistência de animais. No espaço de três anos, passou a ter 80 treinadores voluntários, 91 cães, três gatos e um coelho. Lana é a diretora.*



### **Observador atento**

UM PADRE ESTAVA consertando a cerca de seu jardim quando reparou que o filho do vizinho olhava para ele, muito atento.

– Você está vendo se aprende como é que se conserta uma cerca, Harold? – perguntou o padre.

– Não, senhor – respondeu o rapaz. – Estou só esperando para ouvir o que é que um padre diz quando martela o dedo.

Scott Hennig, Canadá